

**QUESTÕES DE LINGUAGEM EM SUJEITOS COM SÍNDROME DE DOWN<sup>1</sup>**

Marian dos Santos Oliveira  
UNICAMP/DELL  
marian\_oliveira2004@yahoo.com.br

**RESUMO:** Neste trabalho, trataremos de questões de linguagem na síndrome de Down, em situações dialógicas, a partir da proposta teórica da Neurolinguística Discursiva. Foram coletados dados de fala de duas jovens com 17 e 23 anos de idade, nascidas e criadas em Vitória da Conquista. Partimos da hipótese de que sujeitos com síndrome de Down usam processos alternativos de significação na compreensão e formulação de enunciados. Embora mais curtos, os enunciados produzidos por eles permitem situações dialógicas eficazes, considerando que esses indivíduos têm um desenvolvimento lingüístico e cognitivo mais lento, bem como dificuldades na interação social, se comparados com o desenvolvimento de sujeitos sem esta síndrome. Os dados, gravados em gravador digital, foram obtidos em situação discursiva e transcritos discursivamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem na síndrome de Down; Neurolinguística; Patologia de linguagem.

**ABSTRACT:** In this work, we deal with language issues in Down syndrome in dialogical situations, from the theoretical proposal of Discursive Neurolinguistics. We collected speech data from two students aged 17 and 23, born and raised in Vitoria da Conquista. We start from the hypothesis that individuals with Down syndrome use alternative processes of signification in understanding and producing enunciation. Although shorter, the utterances produced by them allow effective dialogical situations, considering that these individuals have a slower linguistic and cognitive development, as well as difficulties in social interaction, compared with the development of subjects without this syndrome. The data, recorded on a digital recorder, were obtained in discursive situation, and transcribed discursively.

**KEYWORDS:** Language in Down syndrome; Neurolinguistics; language pathology.

**INTRODUÇÃO**

É comum que crianças, jovens e adultos com síndrome de Down (SD) apresentem dificuldades variadas nas habilidades lingüísticas, em decorrência, dentre outros fatores, do atraso na aquisição e desenvolvimento da linguagem. Assim, problemas tais como os de acuidade visual e discriminação auditiva, hipotonia da musculatura orofacial etc, além de

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi desenvolvido como requisito parcial exigido pelo Programa de Doutorado em Linguística/IEL-Unicamp (Exame de Qualificação de Área em Neurolinguística).

dificuldade de estruturação sintática e atraso no desenvolvimento motor, cognitivo e emocional e a falta de atividades sociais que façam a criança utilizar a linguagem de forma significativa, não apenas dificultam e atrasam o desenvolvimento e aquisição da linguagem, mas também levam a uma fala adulta “peculiar” no sujeito com SD, que evidencia uma linguagem diferenciada em relação à fala do adulto sem a síndrome (MOTTA (1980); OTTO *et al.*, (1998)).

Diante disso, perguntamos: o que torna a fala de sujeitos adultos com SD diferente da de outros adultos sem a síndrome? Quais os processos de significação utilizados por esses sujeitos na compreensão e formulação de enunciados, em situações dialógicas? Quais os caminhos trilhados e as pistas deixadas por eles com relação ao funcionamento lingüístico-cognitivo em situação de diálogo? Partimos da hipótese de que sujeitos com SD usam processos alternativos na compreensão e formulação de enunciados e que estes enunciados, embora mais curtos, permitem situações dialógicas eficazes, considerando-se que esses indivíduos têm um desenvolvimento lingüístico, cognitivo, e social mais lento, se comparado com o desenvolvimento de sujeitos ditos *normais*.

Assim, neste artigo, trataremos das questões de linguagem na SD em situação dialógica, a partir de interações discursivas com dois sujeitos com SD, de 17 e 23 anos de idade, nascidos em Vitória da Conquista. Para tanto, nos valeremos dos pressupostos teóricos da ND e também lançaremos mão dos conceitos de *complementaridade* e *especularidade* De Lemos (1982). Objetivamos compreender eventuais especificidades na fala desses sujeitos: tanto as características lingüísticas dos enunciados, quanto os processos alternativos que são mobilizados por eles na compreensão e na formulação desses enunciados.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: além desta parte introdutória, serão apresentados mais cinco itens, nos quais constam: (i) uma síntese bibliográfica dos trabalhos que investigam questões ligadas à síndrome de Down; (ii) uma síntese de questões teóricas e metodológicas da Neurolinguística Discursiva; (iii) a metodologia adotada na obtenção e apresentação dos dados deste trabalho; (iv) a discussão dos dados e (v) considerações finais do trabalho. Passamos, a seguir, aos itens aqui apontados.

## 1. QUESTÕES SOBRE SÍNDROME DE DOWN: ASPECTOS GENÉTICOS, CLÍNICOS E LINGÜÍSTICOS

Nesta seção, apresentaremos as características que definem a SD como uma síndrome, bem como o que se diz sobre os sujeitos que são acometidos por ela, nos campos da saúde e em outras áreas de saber que se ocupam de questões sociais, lingüísticas e educacionais.

A SD é um acidente genético que ocorre durante a divisão celular do embrião. Segundo Motta (1980), enquanto na célula de um indivíduo normal há 46 cromossomos divididos em 23 pares, o indivíduo com Down possui 47 cromossomos, sendo que esse cromossomo extra se liga ao par 21, gerando o que a genética classifica como “trissomia”.

Conforme Otto *et al* (1998), a alteração genética gerada por essa trissomia pode ser de três formas: i) a trissomia 21 padrão, aquela na qual o indivíduo apresenta 47 cromossomos em todas as células e três cromossomos no par 21, o que ocorre em 95% dos casos; ii) a trissomia por translocação, na qual o cromossomo extra se adere a um outro par, normalmente o par 14, com incidência de 3%, aproximadamente e iii) o tipo mosaico, que se caracteriza por apresentar uma mistura de células normais com 46 cromossomos e células trissômicas, isto é, com 47 cromossomos.

Na suspeita diagnóstica, o médico se guia pelas principais características fenotípicas peculiares da síndrome, quais sejam: hipotonia muscular geral, fenda palpebral oblíqua, prega palmar transversa única, face achatada, ponte nasal deprimida, orelhas com baixa implantação etc. Conforme Motta (1980), nos indivíduos de raça negra o diagnóstico é mais difícil, o que exige um “exame clínico mais cuidadoso para confirmar a suspeita da síndrome (Cf. MOTTA, 1980, p. 149)”. Ainda segundo o autor, “em caso de dúvida diagnóstica, especialmente nos primeiros dias de vida, o exame cariótipo informará com certeza a existência da síndrome de Down” (MOTTA, 1980, p. 149).

Motta (1980) fala em 1 a 2 casos de SD, para cada 1000 nascimentos e que esta é a síndrome mais comum, entre os distúrbios cromossômicos autossômicos, sendo mais incidente entre as mulheres de idade mais avançada, embora qualquer mulher possa gerar um filho com a síndrome já que o *acidente* ocorre ao acaso.

Autores como Motta (1980) e Otto *et al* (1998) são unânimes em afirmar que a hipotonia generalizada afeta toda a musculatura e ligamentos e isso faz com que a criança com Down tenha um aspecto flácido, seja hipoativo, se movimente menos e tenha reflexos e reações diminuídos. Além disso, complicações como cardiopatias, problemas visuais,

respiratórios e gastro-esofágicos que podem acometer os indivíduos com essa síndrome acarretam um atraso ainda maior ao desenvolvimento psicomotor. Os autores ratificam que nesses sujeitos o comprometimento mental é grave.

Por todas as características anatômicas, fenotípicas, clínicas e mental já mencionadas, é comum, segundo Mota (1980), Otto *et al* (1998) entre outros, que crianças com SD apresentem dificuldades variadas no seu desenvolvimento fisiológico, físico, cognitivo. Tais dificuldades as acompanham por toda vida e se refletem em lentidão e dificuldade no desenvolvimento das habilidades lingüísticas – dificuldades articulatórias e motora, dificuldade de estruturação sintática – e pouca habilidade cognitiva, tais como as de abstrações matemáticas e as de raciocínio lógico. A seguir, apresentamos sinteticamente alguns dos trabalhos que se ocupam de questões sociais, lingüísticas e educacionais na SD.

Vários estudos como Cuilleret (1984), Gunn (1985), Levy (1988), Meyers (1989), Rondal (1991), Camargo (1994), Camargo *et al* (1996) e Freitas e Monteiro (1995), entre outros, tratam do atraso que o sujeito com SD apresenta no desenvolvimento lingüístico. Atraso este que envolve questões lingüísticas em todos os níveis – fonológico, morfológico, sintático, semântico-pragmático e discursivo. Embora saibamos ser possível separar os componentes fonético-fonológico, sintático-morfológico das questões de ordem pragmático-discursivas, sabemos também que um problema ocorrido em um desses componentes afeta, por extensão, os demais, como se pode notar em vários trabalhos sobre as desordens de linguagem geradas pelas afasias, como veremos na próxima seção deste trabalho (Cf. Coudry, 1991, 1996, 2008 entre outros), o que justifica a nossa opção teórica pela ND, já que os estudos desenvolvidos seguem essa linha de pensamento.

Em primeiro lugar, destacamos que há controvérsias entre os pesquisadores do tema, no que se refere à existência de uma relação entre desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento lingüístico, mas esta é uma questão sobre a qual não vamos debater nesse artigo. Meyers (1989) e Gunn (1985), dentre outros, preconizam que o retardo cognitivo moderado ou severo dificulta o entendimento, por parte do sujeito com SD, do fluxo da fala dos seus interlocutores.

Meyers (1989), ao discutir as características da linguagem na SD, afirma que os bebês com SD são quietos, exploram menos os sons e as primeiras palavras, bem como a combinação entre elas, aparecem mais tardiamente do que o habitual. Segundo Meyers (1989), os jovens com SD podem produzir sentenças gramaticais, mas com estrutura de sentenças de crianças de 03 a 04 anos, embora seu conteúdo possa ser um pouco mais

sofisticado. A autora ainda acrescenta que pessoas com SD têm os sons da fala distorcidos ou ininteligíveis.

Nessa mesma linha, Gunn (1985) observa que a pessoa com SD parece apoiar-se em objetos concretos presentes no momento da interlocução e também parece ter dificuldade em falar de coisas abstratas. A autora observa ainda que, comparadas com as de crianças sem esta síndrome, as estruturas sintáticas de crianças com SD são mais curtas e menos complexas e sua estabilização na fala espontânea é mais demorada.

Além disso, os indivíduos com SD, como avalia Cuilleret (1984), também têm dificuldades de compreensão se precisarem processar duas tarefas propostas pelo interlocutor, ocorrendo equívocos de interpretação na maioria das vezes. Entretanto, esse não é um problema exclusivo da pessoa com SD. Na verdade, qualquer pessoa pode sair-se mal quando exposta a situações como essa.

Ainda segundo Cuilleret (1984), uma deficiência no processo de interpretação da fala do outro acaba por influenciar a organização sintática e a elaboração de narrativas que, por vezes, parecem carecer de lógica entre os enunciados produzidos por sujeitos com Down. Isso pode estar ocorrendo com os indivíduos analisados neste trabalho, como veremos adiante. Contudo, veremos também, que se trata apenas de uma *aparente* falta de lógica, pois mesmo quando submetidos a uma análise mais formal, no sentido gramatical da palavra, percebe-se que os diálogos desses sujeitos obedecem a regras gramaticais da língua. Ainda segundo o autor, as lacunas nos enunciados podem ser recuperadas e o discurso pode ser melhor desenvolvido, quando o sujeito conhece o tema que está sendo desenvolvido. Em outras palavras, como nos mostra Coudry (1986/1988), quando há conhecimento prévio do assunto, quando se negociam os sentidos, assim como na linguagem de sujeitos sem patologias.

Rondal (1991) propõe a existência de um atraso no desenvolvimento mental que resulta em diferenças morfossintáticas e fonológicas entre pessoas com a SD e os que não tem a síndrome. Suas conclusões se apóiam em dois critérios de avaliação, quais sejam: idade mental e nível de desenvolvimento linguístico.

Avaliando pesquisas sobre o desenvolvimento lingüístico de pessoas com SD, Levy (1988) observa que os trabalhos partem sempre do que consideram ser a “normalidade”. Segundo a autora, “partem de um fato concreto que é a Síndrome, para avaliá-la pelo “normal” e reafirmá-la no final” (LEVY, 1988, p.51), como também ocorre no contexto da avaliação de sujeitos cérebro-lesados (Cf. COUDRY, 1991). Assim, geralmente os trabalhos

sobre a linguagem na SD deixam de considerar as formas alternativas de significação (gestos, expressões, pausas, entoações etc), as trilhas que os sujeitos percorrem na formulação dos enunciados (repetições, trocas etc), relevantes para se compreender o funcionamento real da linguagem, como salientam os trabalhos realizados na ND.

Investigando as narrativas e relatos de experiências produzidos por crianças com SD, Camargo (1994, 1996) constata que crianças entre 04 e 06 anos de idade usam os mecanismos narrativos, embora sua fala seja mais dependente da fala do seu interlocutor.

Para Camargo (1994), assim como para Bodine (1974, *apud* CAMARGO (1994)), o conteúdo semântico do que é dito por criança com SD fica prejudicado em decorrência das dificuldades fonético-fonológicas que a criança apresenta<sup>2</sup>. Em sua pesquisa com quatro crianças com SD, Camargo (1994) averigua que o desempenho narrativo difere de uma para outra, como ocorre com crianças sem síndrome. A autora compara seus dados com os apresentados por Perroni (1992) – que trata da aquisição de narrativas em crianças sem patologias - e verifica que uma das poucas diferenças entre esses sujeitos é o desenvolvimento das mesmas etapas em idade cronológica posterior. Os sujeitos com os quais trabalhou, ao final da coleta de dados, já contavam com mais de 5 anos de idade e os dados foram comparados com os de crianças que, nessa idade, já se enquadravam como narradores pelos critérios estabelecidos por Perroni (1992). Camargo (1994) observou que dois dos sujeitos por ela investigados ainda apresentavam dificuldades com a estrutura da narrativa, tais como: falta de encadeamento de eventos, pouco distanciamento do momento da interlocução e repetição quase ecológica da fala do interlocutor.

Contudo, embora um pouco mais tardiamente, as narrativas dos sujeitos analisados e comparados aos de Perroni (1992) por Camargo (1994; 1996) apresentam aquilo que caracteriza as narrativas em geral: preocupação com o inédito, o encadeamento de eventos (aí, daí), uso de verbos no tempo perfeito (*acabou*), operadores de narrativas (*era uma vez, acabou a história*), entre outros. Embora, em algum momento, alguns dos sujeitos da pesquisa de Camargo (1994, p.83) usem de forma bastante incipiente os operadores narrativos, ou tenham “sua fala totalmente dependente da fala do interlocutor”, ela avalia que essa dependência varia de história para história e que mesmo produzindo trechos completamente

---

<sup>2</sup> É isso, inclusive, que temos notado em nossa pesquisa de doutorado, que trata da configuração fonético-acústica do sistema vocálico de sujeitos com SD. Mas isso não significa que não se possa entendê-lo completamente.

ininteligíveis em dado momento, em outros momentos, os sujeitos conseguem encadear os eventos da narrativa de forma totalmente lógica e independente.

Analisando a coerência nos textos orais de adolescentes com SD, produzidos em diálogos entre investigador e informante, Freitas e Monteiro (1995) avaliam que estes textos se orientam pelas mesmas regras que sustentam os de pessoas consideradas “normais”. Segundo as autoras, estudar a linguagem de jovens com SD exige que se pense nela como um espaço de interação em que o interlocutor “assume lugar de destaque na constituição do discurso do indivíduo com SD” (Cf. FREITAS e MONTEIRO, 1995, p. 53). Ainda observam que há várias pesquisas sobre a linguagem de crianças com esta síndrome, mas que o mesmo não ocorre no que se refere a estudos da linguagem de adolescentes com SD. Aqui acrescentamos que o mesmo ocorre com estudos sobre linguagem de sujeitos adultos com a síndrome.

Freitas e Monteiro (1995) constataam que os sujeitos por elas analisados orientam seu discurso pelos mesmos moldes do discurso de adolescentes sem síndrome, respeitando as troca de turnos conversacionais, sobreposições de voz e elementos reparadores quando da simultaneidade de fala, uso de seqüenciadores temporais, manutenção de tópico discursivo etc. Elas reafirmam, porém, que isso só ocorre quando o pesquisador media o ato conversacional e que quando isso não é feito o texto se torna sem nexos. Diante disso, concluem que “(...) é necessário que o ouvinte esteja disponível para escutar aquilo que o jovem deseja falar (...)” para que o texto oral do indivíduo com SD se estabeleça como coerente (Cf. FREITAS e MONTEIRO, 1995, p. 61).

Como poderemos confirmar na discussão sobre os dados dos sujeitos com os quais trabalhamos, em seu discurso eles lidam com variadas formas de significar. Sintaticamente, suas frases são estruturadas em torno de uma palavra núcleo, que é resgatada ou que complementa a fala do interlocutor; ora é como a produção vocal de uma criança que espelha a sua fala a do adulto, ora é a reformulação e/ou expansão da fala daquele. Dessa forma, podemos adiantar que há processos de significação a explorar na interlocução com o sujeito com SD, pois também ele “busca outros *modos/arranjos* para *significar/associar*, ou seja, produz *processos alternativos de significação*” (COUDRY, 2008, p. 11).

## 2. QUESTÕES SOBRE A OPÇÃO TEÓRICA

Para responder as questões apresentadas e cumprir os objetivos a que nos propomos, lançaremos mão dos pressupostos da Neurolinguística Discursiva, surgida no Brasil no final da década de 1980, desenvolvida por Coudry (1986/1988), bem como lançaremos mão da noção de *dependência dialógica* e dos conceitos de *especularidade* e *complementaridade* da proposta sociointeracionista desenvolvida por Lemos e sua equipe, também na década de 80.

A literatura neuropsicológica e a neurolinguística tradicional, em geral, tem como preocupação descrever e classificar as perturbações de linguagem e, para isso, recorrem à avaliação por meio de tarefas descontextualizadas e metalingüísticas, exclusivamente baseadas numa concepção de língua/linguagem redutora.

Segundo Coudry (1996a), as tarefas linguísticas propostas aos afásicos, nos testes, são descontextualizadas e artificiais, com predominância das de natureza metalingüística, normalmente calcadas na escrita padrão, em detrimento das atividades linguísticas e epilinguísticas, evidenciando apenas as dificuldades do sujeito avaliado sem oferecer subsídios para o acompanhamento terapêutico.

As pesquisas em ND investigam a relação entre cérebro e linguagem e propõem que a linguagem deve ser exibida em atividades discursivas nas quais o investigador é ao mesmo tempo o interlocutor, na medida em que ambos, sujeito e investigador, “cometem ações com a linguagem” (Coudry, 1996b, p. 186). Segundo Coudry (1996a) nesse processo o que deve estar em questão é a “avaliação dos processos de significação alterados ou não e não *comportamentos* verbais”. Segundo a autora, o investigador “é um parceiro do paciente na interlocução” (COUDRY, 1996b, p. 187).

Analisando dados de sujeitos afásicos, Novaes-Pinto (1999) ratifica que investigador e sujeito desenvolvem ações na e com a linguagem em situações dialógicas e que isso não compromete o resultado da avaliação. Ao contrário, conforme Coudry (1996b, p. 187), “é isto que dá coesão e provoca desordem nos achados”.

Essa perspectiva nos permite ressignificar também os chamados *déficits* do discurso dos sujeitos com SD, que se configuram como *dados-achados*, no sentido proposto por Coudry (1991) e Coudry (2008, p. 22) como “produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento longitudinal de processos linguístico-cognitivos.” Ainda segundo a autora, essa formulação, ao mesmo tempo em que expõe, transforma os fatos lingüísticos em dados, que passam a se configurar “como uma



espécie de pista privilegiada para o investigador descobrir caminhos trilhados pelo sujeito que fazem compreender suas dificuldades e as saídas encontradas.” (Coudry, 2008, p. 23).

Acreditamos que, assim como no caso dos sujeitos afásicos, os dados de linguagem de sujeitos com SD se produzidos em meio à visão discursiva também darão “visibilidade ao que se apresenta como *processos alternativos de significação*,” (COUDRY, 2008, p. 11) uma vez que tal formulação teórico-metodológica pode abranger também a linguagem modificada pela síndrome e, sendo assim, há processos de significação a explorar na interlocução com o sujeito com SD.

Acreditamos ainda que haja uma dependência dialógica nos diálogos de sujeitos com SD, no sentido de De Lemos (1982), na medida em que ela propõe duas categorias de análise para os dados de aquisição de linguagem, que parecem ser úteis para o que vamos analisar: a de *especularidade*, na qual o adulto daria forma, sentido e intenção à produção vocal da criança que, por sua vez, espelharia a sua fala à do adulto; e a *complementaridade*, processo em que primeiro o adulto e em seguida a criança, retoma o enunciado ou uma parte dele para complementá-lo e/ou expandi-lo. Veremos, mais adiante, que esses processos são também recorrentes nos nossos dados, revelando uma dependência dos sujeitos adultos com Down, em relação aos seus interlocutores, na construção de seus enunciados.

### 3. QUESTÕES METODOLÓGICAS

Dessa forma, discutiremos os dados de dois sujeitos com SD, doravante (St) e (Ss), de 17 e 22 anos de idade, respectivamente, nascidas e criadas em Vitória da Conquista.

St é a terceira filha de uma família de classe baixa, é negra, magra, tem baixa estatura e mora na periferia da cidade. Logo quando nasceu, a mãe percebeu que ela apresentava *uns traços diferentes* e 15 dias depois recebeu o diagnóstico médico de SD. Não foi amamentada, mas recebeu estímulos orais como exercícios com a língua, sucção com canudos, natação etc. Não apresentou problemas clínicos como cardiopatia e/ou doenças respiratórias nem deficiências auditivas e/ou visuais. Começou a falar e a andar por volta do terceiro ano de idade. Frequenta a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), de Vitória Conquista desde os dois anos e também frequenta uma escola municipal, estando na 6ª. série do ensino fundamental. Contudo, apenas reconhece as letras e os números.

Ss também é a terceira filha de uma família de três filhos, é branca, apresenta sobrepeso e tem estatura baixa, de classe média, mora num bairro de classe média alta da cidade. A mãe teve uma gravidez difícil e logo após o parto, a família ficou sabendo da suspeita da síndrome devido às características típicas que Ss já apresentava. O exame confirmou a suspeita médica. Não foi amamentada e recebeu pouco estímulo na infância. Apresenta diversos problemas de saúde, tais como cardiopatia e um problema grave de visão, estando na fila do transplante de córnea. Emitiu os primeiros sons da fala e a andou aos dois anos de idade. Entrou na escola normal aos três anos, mas logo saiu e há pouco mais de cinco anos passou a freqüentar a APAE. Não sabe ler nem contar e pouco reconhece letras e números, mas assina o nome.

Tanto a mãe de St quanto a de Ss assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, após terem dirimidas todas as dúvidas a respeito da pesquisa e das tarefas que se exigiriam de suas filhas.

A discussão dos resultados será feita a partir da análise de quatro dados, dois de cada um dos sujeitos, recolhidos das gravações que resultaram de encontros com os sujeitos da pesquisa durante quatro meses. Cada dado vem acompanhado da identificação do sujeito, da data de obtenção e do tempo que, em média, foi gasto na gravação. Também há um pequeno registro do contexto em que o dado está inserido. Na apresentação dos dados, adaptamos o método utilizado pelo Banco de Dados em Neurolinguística (BDN), exposto em Andrade (2007) e, na transcrição, adotamos também algumas das normas adotadas pelo NURC além do modelo de transcrição da ND. A fim de situar o leitor na leitura dos dados, explicamos, no quadro abaixo, o significado das siglas e simbologia adotada:

<b>Símbolo utilizado</b>	<b>Significado</b>
::	Indica prolongamento de sílaba, consoante ou vogal
...	Indica pausa curta.
[...]	Indica pausa longa.
[ ]	Indica Silêncio
Imo	Investigador Marian Oliveira
St	Sujeito t
Ss	Sujeito s

Quadro 1: Indicação de siglas e símbolos

## 4. QUESTÕES SOBRE OS DADOS: ANÁLISE E DISCUSSÕES

A discussão que será travada nesta seção será feita a partir da análise de quatro dados de dois sujeitos com SD, quais sejam, St e Ss. Para empreender a discussão, retomaremos alguns conceitos e autores que foram explicitados e citados nas seções anteriores.

Sintaticamente, notamos que as frases formuladas pelos dois sujeitos são estruturadas em torno de uma palavra núcleo, geralmente resgatada da fala do investigador, ou que complementa a fala do interlocutor. Quase não aparecem em seu discurso frases com sujeito, verbo e objeto, mesmo porque eles se apóiam nos enunciados de seus interlocutores (processos de especularidade) e suas produções, embora curtas, são perfeitamente plausíveis para o contexto. Geralmente, a palavra produzida é a que carrega a maior carga informativa do enunciado e sua estrutura lembra o estilo telegráfico dos sujeitos afásicos ou discursos de crianças em fase de aquisição, que mostram uma maior dependência dialógica, no sentido De Lemos (1982). Sigamos, pois com o primeiro dado:

Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção do enunciado	Observação sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
Imo	Você assistiu a novela Caminho das Índias ontem?	Sua mãe comenta que St é muito noveleira e que ela teria assistido à novela Caminho das Índias.	
St	[ ____ ]	Pausa longa.	
Imo	Você assistiu, St?	Pausa.	
Mãe	Conta para ela St.		Insiste a mãe do sujeito.
St	Eh:... Assisti.	St ri.	
Imo	Me conte como foi.		
St	Tar...	Tenta responder, inicia mas não termina o nome que ia falar. Faz uma outra pausa, esta mais breve.	
St	Tarso		
Imo	O que houve com Tarso?		
St	T:... Tiro.	Prolonga a consoante dental surda [t]	
Imo	Tiro!? Tarso levou um tiro?		Em tom de dúvida e espanto
St	Eh:: [...]	Pausa longa. St nada fala e o investigador insiste.	
Imo	Tarso atirou em quem?		

St	[ ____ ]	Pausa.	
St	Mu:: Mu::...Mu::rilo		

Quadro 2: Dado 01/St – Tar... Tarso

Fonte: Sessão de 19/06/2009 – Arquivo de Áudio – [55:00]. Arquivo Pessoal.

Contexto: Imo conversa com o St sobre o capítulo da novela Caminho das Índias que ela comenta ter assistido. Imo diz que gosta da novela e que não teve tempo de assistir o capítulo do dia anterior e pede a St que conte para ela o que aconteceu.

O diálogo entre os interlocutores **Imo** e **St**, exposto no dado 1, se estabelece como espaço de interação entre os sujeitos. O investigador, perguntando a St – “você assistiu a novela Caminho das Índias ontem?” - fornece o tema do diálogo, abrindo espaço para o surgimento de uma narrativa bem delimitada: o tema, através do verbo *assistir*, (capítulo de um novela determinada) e o tempo (ontem). Dando continuidade ao diálogo, **St** recupera da fala do seu interlocutor o mesmo verbo (assistir), mantendo o fluxo da narrativa, e diz - **assisti**. Note-se que, mesmo tendo aparecido depois de uma pausa longa, como explicitado no dado, e que a resposta apareça depois de uma insistência da mãe e da reformulação e repetição da pergunta por parte de **Imo**, a resposta não é aleatória, nem uma repetição da fala do investigador. O verbo no enunciado de **St** vem flexionado, no pretérito perfeito (**assisti**), como na fala do interlocutor (**assistiu**), adequado para o contexto narrativo.

Essa forma verbal, tal como foi flexionada, traz duas informações importantes para o discurso, pois percebe-se que o sujeito lança mão de um recurso produtivo em diálogos, a *especularidade*, na qual **Imo** dá forma, sentido e intenção à produção vocal do sujeito com SD que, por sua vez, espelha a sua fala à do investigador: **St** não repete simplesmente **assistiu** como na *ecolalia*. Ao contrário, o verbo traz **St** para e como sujeito do discurso que num processo de *complementaridade* retoma o enunciado ou uma parte dele para complementá-lo e/ou expandi-lo; além disso, a flexão sem a presença *in situ* da forma pronominal **eu** demarca algo comum no Português Brasileiro (PB), o sujeito nulo muito freqüente em contextos de respostas curtas, como é o caso da resposta de **St**.

Como personagem central daquele capítulo, é a partir dele que os eventos seguintes se sucederam na novela e serão ordenados na narrativa de St: **Tarso**, **tiro**, **Murilo**. Voltando à transcrição, quando **Imo** pergunta – Tiro!/? Tarso levou um tiro? – **St** faz uma longa pausa, recupera a informação da fala do investigador – *levou um tiro* – mas reformula o enunciado do seu interlocutor e faz a negativa, utilizando-se de um novo dado: Murilo. Note-se que a pista que o interlocutor fornece é falsa. Ele sabe disso e faz a pergunta propositadamente.

Embasada em Perroni (1992), Camargo (1996, p.64) aponta as características do discurso narrativo, quais sejam: dependência temporal entre os eventos; uso de orações que expressem a dependência através de verbos de ação, emprego do tempo perfeito, relato do inédito, entre outras. Diante do exposto com relação ao dado 1, ora analisado, podemos afirmar que **St** encadeia seu discurso de acordo com características de um discurso narrativo, tais como as apresentadas por Camargo (1996).

Do capítulo a ser narrado **St** mobiliza o mais importante, não só do ponto de vista dela, mas do que ela acredita ser o mais importante para quem pediu que ela contasse **como foi**. Ao começar sua resposta com – **Tarso** – **St** traz para a narrativa dela uma preocupação comum às narrativas: o compromisso com o inusitado, o novo; segue à risca a máxima (Grice, 1982)– *seja relevante*, narre o inédito. E ela narra o mais importante daquele capítulo: o tiro que Tarso deu em Murilo.

Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção do enunciado	Observação sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
Imo	Como foi o concurso ontem?		
Ss	[ ____ ]	Pausa longa.	
Imo	Como foi o concurso que você participou ontem?	Repete a pergunta.	
Mãe	O que você ganhou na festa Ss...?		
Ss	Bo::a...	Prolonga a vogal média [o], completa a palavra com a vogal baixa [a] e faz pausa breve	
Ss	Boa.		
Imo	Você ganhou?	Insiste com o acontecimento da festa junina, o concurso e o título que ela ganhou.	
Ss	Eh:: [...]	Pausa longa	
Imo	Ganhou, Ss?	Insiste.	
Mãe	Diga o que você ganhou, mãe!		A mãe trata a filha carinhosamente como “mãe”
Ss	e:: Concurso... ganhei	Prolonga a vogal média [e]. responde – concurso. Faz pausa breve e completa com o verbo – ganhei.	
Imo	Concurso de que?		
Ss	B:::...	Prolonga a consoante bilabial sonora [b] e faz pausa	

Ss	B::bela	Prolonga a consoante bilabial sonora [b] e reformula a palavra.	
Imo	A mais bela...!?		
Ss	[...] a mais bela	Pausa longa. Repete a frase.	
Imo	A mais bela o quê?	Insiste.	
Ss	... Mais bela	Pausa breve e repetição da frase, agora sem o artigo.	
Imo	Então, você ganhou o prêmio da mais bela...?	Pausa breve para ver se Ss diz – o prêmio a mais bela caipira.	
Ss	[ ...]	Pausa longa	
Ss	Ca::ca::...caipira	Hesita, prolonga a vogal. Hesita e prolonga a vogal novamente, faz pausa e reformula a palavra – caipira	
Imo	A mais bela caipira		
Ss	Ma... mais bela caipira.	Hesita, faz pausa e finaliza	

Quadro 3: Dado 02/Ss - ... Mais bela

Fonte: Sessão de 21/06/2009 – Arquivo de Áudio – [59:00]. Arquivo Pessoal.

Contexto: Ss participou do concurso de Rainha do Milho, promovido pela prefeitura da VC entre as escolas do município. Ss como representante da APAE venceu o concurso e recebeu o título de “A mais bela caipira” do São João.

Ainda que telegraficamente, o discurso de **Ss** é encadeado adequadamente, considerando-se a estrutura narrativa. O estabelecimento do tema do relato aparece no enunciado do investigador e na fala da mãe do sujeito que, constantemente, tenta estimular a filha a falar sobre o evento. E o foco de **Ss** fica sempre dividido entre o que **Imo** propõe e o que a mãe de **Ss** fala, como se pode notar no *dado-achado*, quando ela produz *boa*. Um achado, pois o investigador insiste no tema do concurso, enquanto que a melhor pista seria *feira*, como percebe a mãe, que está presente e atenta à conversa.

Não costumamos perguntar – como foi o concurso? - , mas é comum perguntar – como foi a festa?-. A resposta à primeira pergunta também não é simples, como pode ser a resposta à segunda: uma festa pode ser *boa*, mas um *concurso* seria bom? Parece que **Ss** percebe às ambigüidades nas formulações das perguntas, a notar pela longa pausa que ela faz e por organizar seu discurso, via discurso da mãe e resgatar nele a palavra *feira*, que não é aleatória, pois está ligada de algum modo ao tema *concurso*, pois este aconteceu naquela – *uma festa junina*. Ocorre aqui o que aponta Sampaio (2005, p. 20), quando diz que o “*sentido não é dado a priori, mas se faz em meio a contingências sócio-históricas, incluindo fatores contextuais*”.

Quando **Imo** reorganiza seu enunciado, perguntando – *you ganhou? Ganhou, Ss?* - , o sujeito já sabe que se trata do concurso, tanto que **Ss** inicia a resposta com – *concurso* e em seguida acrescenta – *ganhei*. Ou seja, há uma inversão entre o verbo e o seu objeto, que pode

ser vista de duas maneiras: i) esta é uma construção plausível e bastante comum no PB, e; ii) com sua resposta, **Ss** busca contemplar os dois interlocutores: **Imo**, que pergunta se ela ganhou, ao que ela responde – **ganhei** e a mãe dela que pede que ela diga o que ganhou, ao que ela diz – **concurso**.

Em seguida, **Imo** passa a explorar o nome do título que foi recebido por **Ss** quando ganhou o concurso e, nesse aspecto, a sua fala passa a depender da do seu interlocutor, como os jovens investigados por Freitas e Monteiro (1995) que orientam seu discurso pelos mesmos moldes do discurso de adolescentes sem síndrome, sempre que o interlocutor media o ato conversacional.

Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção do enunciado	Observação sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
Imo	E aí St, você sabe o nome do presidente do Brasil?		
St	[ ____ ]	Pausa longa.	
Imo	Me diz, quem é o presidente? Como é que ele se chama?	Instigando o sujeito entrar na conversa de algum jeito.	
St	[...]	Pausa.	Ela ri.
St	Gui...Gui... [...]	Pausa. Hesita e repete a sílaba duas vezes.	
St	Gui::lherme.	Prolonga a vogal alta [i] e completa a palavra.	Guilherme e o prefeito da cidade pela terceira vez. Inclusive é bastante querido.
Imo	Uai! Presidente? Guilherme é o pref...		Rindo e brincando com St.
St	[ ____ ]	Pausa longa.	Ela ri também.
Imo	Guilherme é o prefeito.		
St	Pefe pefe...	Hesita duas vezes e faz uma leve pausa.	
St	Ah::: prefeito	Prolonga a vogal e completa.	
St	Prefeito, ah é.		
Imo	Um:: você gosta dele?		
St	Go::gosto. Eu gosto	Hesita, prolonga a média aberta[o] e diz – gosto	
St	Eu gosto	Repete	

QUADRO 4: Dado 03/St – Prefeito, ah é.

Fonte: Sessão de 10/03/2009 – Arquivo de Áudio – [47:00]. Arquivo Pessoal.

Contexto: Imo conversa com a mãe de St sobre política. A mãe de St comenta que elas moram num loteamento cujo terreno foi doado pela prefeitura. No meio da conversa St demonstra interesse no assunto e parece querer entrar na conversa, assim Imo tenta inseri-la na conversa.

No dado 3 acima, quando questionada sobre quem é o presidente do Brasil, **St**, ao invés de responder **Lula**, responde **Guilherme**. Ao fazer isso, **St** demonstra ter a idéia da questão simbólica que envolve a pergunta feita, pois dizendo **Guilherme** ela fez a relação correta porque este é o nome do prefeito da cidade onde ela vive. Isso fica ainda mais evidente quando, seguindo com a indagação, o investigador diz *Guilherme é o prefeito*, no que ela arremata - **ah, prefeito** - e repete – **prefeito, ah é**. O operador conversacional “ah” fornece a pista de que ela sabe do que se está falando.

O nome, apresentado como resposta, não veio ao acaso. Na realidade, é um nome que carrega um simbolismo social importante. É o nome do prefeito e o nome de um personagem muito querido pelo povo da cidade e pelos moradores do loteamento onde **St** vive. Dessa forma, **St** mostra-se sintonizada e não alheia ao mundo que a cerca e mostra isso na sua resposta. Em sua história de vida, percebemos que, mesmo com algumas restrições, **St** é mais independente e interage mais com o mundo que a cerca, diferentemente do que é comum ocorrer com os sujeitos com SD.

Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção do enunciado	Observação sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
Imo	Sim Ss, então você foi dormir bem tarde heim?		Tentando amenizar a situação, pergunta em tom de brincadeira.
Ss	[ ____ ]	Silêncio bastante longo.	Resmunga algo ininteligível para a mãe.
Imo	Então, você assistiu ao jogo de basquete ontem?		Em tom mais conciliador.
Ss	[...] assisti.	Faz uma pausa e depois responde.	Ss está mal humorada.
Imo	Ah:: me diz aí, quem jogou?		
Ss	[ ____ ]	Longo silêncio	
Ss	Eh:::[...] Ronal... Ronaldinho	Prolonga a vogal [e]. Faz uma pausa longa. Inicia o nome, desiste. Faz uma pausa breve e completa dizendo o nome do jogador.	Em tom mais bem humorado.
Imo	Uai, Ronaldinho!?... Mas...		
Ss	Ron: Ron: Ronaldinho	Ataca o turno de Imo, hesita e repete a sílaba duas vezes e repete o nome do jogador.	
Imo	não foi jogo de futebol...	Hesita duas vezes e faz uma leve pausa.	
Ss	Fu: fu: fu::tebol.	Prolonga a sílaba inicia, Hesita e finaliza a palavra.	

QUADRO 5: Dado 04/Ss - Ronaldinho



## Volume 5 - Número 1 - jan/jul de 2010

Fonte: Sessão de 10/03/2009 – Arquivo de Áudio – [47:00]. Arquivo Pessoal.

Contexto: Imo foi informada de que Ss, quando está em casa, passa quase o dia inteiro assistindo TV. Nesse dia a mãe dela está reclamando disso por ela ter ficado até tarde assistindo ao um jogo de basquete que passou na TV.

Avaliando o contexto em que ocorre diálogo acima, temos que a primeira dificuldade de Ss diz respeito ao contexto de produção do diálogo. A mãe de Ss está chamando sua atenção por ela ter ficado até mais tarde assistindo TV e Ss está chateada com isso. A pista para essa informação é clara: ela resmunga algo ininteligível para a mãe ao ser questionada, ainda que em tom de brincadeira, sobre o fato de ter ido dormir tarde na noite anterior; a pista é também a sua saída, pois o seu resmungo deixa claro que ela não quer continuar a conversa se for para continuar enfocando o fato de ela ter ido dormir tarde e isso também fica claro pelo longo silêncio que ela faz e pelo tom de mal humor que se percebe quando ela responde – *assisti* – à pergunta – **então, você assistiu ao jogo de basquete ontem?** -, feita pelo investigador.

A segunda dificuldade encontrada pelo sujeito diz respeito às possibilidades de referente que o pronome **quem** pode ter nesse contexto, uma vez que a formulação da pergunta seguinte do investigador traz para o discurso, - Ah:: me diz aí, quem jogou - como referência – time/seleção – e o sujeito tem como referência o nome de um jogador, essa referência mais adequada já que o relativo **quem**, apesar de evocar uma resposta aberta quanto ao agente da ação verbal, refere-se normalmente à pessoa, o que logo se manifesta na pista/resposta que Ss dá à pergunta – **Ronaldinho** – *dado-achado*. O alvo da pergunta não é o nome de um jogador, mas o(s) nome(s) do(s) time(s) e/ou seleção(ões) que teria(m) jogado a partida a que o sujeito assistiu. Mas o pronome dá margem a dúvida e, entre uma e outra possibilidade de respostas, o caminho trilhado por Ss é escolher o nome de um jogador e não dos times/seleções que jogaram.

A terceira dificuldade que ela encontra diz respeito à questão da própria nomeação que ela precisa fazer neste momento do diálogo. Note-se que não se trata de uma pergunta elaborada fora do contexto - ela assistiu ao jogo -, mas, ainda assim, a nomeação é uma tarefa que traz problema para quem precisa nomear. Ss manifesta sua dificuldade, no longo silêncio que faz antes de dar sua resposta, como se nesse tempo estivesse tentando mobilizar o recurso mnemônico; na maneira como inicia sua resposta hesitando as primeiras sílabas do nome que vai dar; e no nome que apresenta que de fato não se trata de um jogador daquela modalidade esportiva – o **basquete**, mas de **futebol**.

Contudo, a resposta – **Ronaldinho** – dada pelo sujeito mostra que ela faz a relação entre basquete e esporte, pois mesmo não tendo dito o nome de um dos times ou de um dos jogadores de basquete, ela relaciona o que assistiu com um **jogo**, com **Ronaldinho**, um jogador. Podemos avaliar que o exercício mental feito parte do mais abstrato/geral – **jogo/jogador** – fornecido como pista pelo investigador através do verbo – **jogou** – presente na pergunta - **quem jogou?** -, para o mais concreto/particular – **Ronaldinho**. Novamente, não qualquer jogador, mas um jogador muito conhecido e muito querido, de uma modalidade esportiva também muito conhecida e difundida pelos meios de comunicação, especialmente a TV, e muito popular no país, diferentemente do basquete que esporadicamente é motivo de comentário na TV. Dessa maneira, embora a resposta não tenha sido a esperada pelo investigador, considerando-se o que ela sabia ter sido assistido por Ss, podemos dizer que o sujeito concatena o sentido do que é perguntado com o conhecimento de mundo que tem sobre o assunto.

Assim, podemos dizer que as trilhas que o sujeito percorre frente às dificuldades que lhes são impostas, ou por suas próprias dificuldades ou por aquelas que são inerentes à linguagem (ambigüidade, mal-entendidos), mostram o movimento do sujeito na e com a linguagem.

Assim posto, os dados aqui parecem apontar aquilo que Canguilhem (1995) reflete sobre a continuidade entre o normal e o patológico, isto é, o desequilíbrio que a doença acarreta é o caminho para o estabelecimento de um novo equilíbrio. Por isso há sempre uma situação cíclica que alterna *perdas* e *ganho*, idas e voltas em que quando um dado nos leva a pensar que o sujeito vai por um caminho, o próximo dado nos mostra que ele está percorrendo uma via de mão dupla na qual o *erro* e o *acerto* o *normal* e o *patológico* se complementam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto na discussão dos dados, e das questões de que partiu esse trabalho, podemos dizer que a ND oferece um arcabouço teórico e metodológico profícuo para a investigação da língua(gem) do sujeito com SD e que o diálogo com sujeitos com esta síndrome constitui-se como espaço discursivo em que esses sujeitos põem em cena modos de significar que os evidencia como sujeitos da linguagem. Podemos dizer, também, que os

dados desses sujeitos permitem trabalhar com noções como a de *dado-achado*, a exemplo dos trabalhos em ND com sujeitos afásicos.

Em relação a questões estruturais, notamos que as frases, formuladas pelos dois sujeitos, são estruturadas em torno de uma palavra núcleo, aquela que carrega a maior carga informativa do enunciado. Guardadas as devidas ressalvas, podemos dizer que a maneira de organizar o discurso do sujeito com SD lembra o estilo telegráfico dos sujeitos afásicos ou os discursos de crianças em fase de aquisição, pois demonstra certa dependência dialógica, no sentido De Lemos (1982).

Podemos afirmar que assim como nas narrativas dos sujeitos analisados por Camargo (1996, p.64), a narrativa dos sujeitos deste trabalho apresenta características do discurso narrativo - como dependência temporal entre os eventos, uso de orações que expressem a dependência por meio de verbos de ação, emprego do tempo perfeito, relato do inédito, entre outras. E, assim como o discurso dos sujeitos de Freitas e Monteiro (1995), o discurso dos sujeitos aqui analisados também se orienta como os de adolescentes sem síndrome, respeitando as trocas de turnos conversacionais, sobreposições de voz e elementos reparadores, uso de seqüenciadores temporais, manutenção de tópico discursivo, e se orienta via discurso de interlocutores como o investigador e se estrutura em torno de uma palavra o que muitas vezes o caracteriza como telegráfico.

Como foi dito nas questões teóricas deste artigo, acreditamos que assim como no caso dos sujeitos afásicos, os dados de linguagem de sujeitos com SD, se produzidos em meio a atividades significativas de linguagem, também darão “visibilidade ao que se apresenta como *processos alternativos de significação*,” (COUDRY, 2008, p. 11) uma vez que tal formulação teórico-metodológica pode abranger também a linguagem modificada pela síndrome e, sendo assim, há processos de significação a explorar na interlocução com o sujeito com SD pois também ele “busca outros *modos/arranjos para significar/associar*, ou seja, produz *processos alternativos de significação*” (COUDRY, 2008, p. 11).

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. L. F. de. *Linguagem e atenção*: um estudo com sujeitos cérebro-lesados. Dissertação: Mestrado. IEL: Unicamp: Campinas, SP, 2007. 184 p.
- CAMARGO, E. A. A. *Era uma vez...* o contar histórias em crianças com síndrome de Down. Dissertação: Mestrado. Campinas: Unicamp, SP, 1994, 146p.

Volume 5 - Número 1 - jan/jul de 2010

CAMARGO, E. A. A; SCARPA. E. M. *Desenvolvimento narrativo em crianças com Síndrome de Down*. In: MARCHESAN, I. Q.; ZORZI, J. L.; GOMES, I. C. D. (orgs.). *Tópicos em Fonoaudiologia*. Vol III, São Paulo: Editora Lovise, 1996.

CANGUILHEM, G. *Onormal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

COUDRY, M. I. H. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução. In: COUDRY, M. I. H.; SAMPAIO, N. F. S.; ISHARA, C. (Orgs.) *Estudos da Língua(gem): Estudos em Neurolinguística*. Vol. 6, No. 2. UESB: Vitória da Conquista, BA, 2008. 285p.

COUDRY, M. I. H. O que é dado em Neurolinguística? In: CASTRO, M.F.P. (Org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996b, 194p.

COUDRY, M. I. H. Processos Enunciativo-Discursivos e Patologia da Linguagem: algumas questões linguístico-cognitivas. *Cadernos do CEDES*, Campinas, v. 24, p. 66-78, 1991.

CUILLERET, M. Le langage. In: CUILLERET, M. *Les trissomiques parminous ou les mongoliens ne sont plus*. Villeurbanne : Simep S.S., 1984, p.45-62.

De LEMOS, C. G. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da Abralín*. 3. 1982, 126p.

FREITAS, A. P. e MONTEIRO, M. I. B. Questões textuais em adolescentes com Síndrome de Down. In: *Revista Brasileira de Educação Especial*. Vol. 03 Ano 1995.

GRICE, H. Paul. Lógica e Conversação. In DASCAL, Marcelo (Org). *Pragmática – problemas, críticas, perspectivas da lingüística – bibliografia*. Campinas: edição do autor, 1982.

GUNN, P. Speech and language. In: Lane, D; Stratford, B. *Current aproches to Downs Sydrome*. London: British, Library Cataloguing in publication. 1985.

LEVY, I. P. *Para além da nau dos insensatos: considerações a partir de um caso de síndrome de Down*. 115 p. 1988, Tese (Doutorado em Lingüística. IEL/Unicamp: Campinas, 1988).

MAYERS, L. Language development and intervention. In: Kuke, D. C.V *et alli. Clinical perspectives in the manegement of Down Syndrome*. New York. Springer Verlag. 1989.

MOTTA, P. A. Genética médica. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1980.

NOVAES-PINTO, R. do C.; BEILKE, H. M. B. Avaliação de linguagem na Demência de Alzheimer. In: COUDRY, M. I. H.; SAMPAIO, N. F. S.; ISHARA, C. (Orgs) *Estudos da Língua(gem): Estudos em Neurolinguística*. Vol. 6, No. 2. UESB: Vitória da Conquista, BA, 2008. 285p.

NOVAES-PINTO, R. C. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. 1999, 273p. Tese. (Doutorado em Linguística. IEL/Unicamp: Campinas, 1999).

OTTO, P. G. *et al. Genética humana e clínica*. São Paulo: Roca, 1998.

RONDAL, J. A. Language in Down's Syndrome: a life-Span and modularity. In: *Rassegna italiana di Linguistica Applicada*. Roma: Bulzoni editore, 1991. p. 1-32.

SAMPAIO, N. F. S. *Uma abordagem sociolinguística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (Unicamp) como uma Comunidade de Fala em Foco*. 2005. 175 p. Tese (Doutorado em Linguística– IEL/Unicamp: Campinas, 2005).